

Pedra dos Dois Olhos é símbolo do bairro

AJ19595

KLEBER AMORIM

Muxinga, Maruí, Maruípe. O bairro sofreu mudanças de nome, até chegar ao que tem hoje

MARCELLA ANDRADE
mandrade@redgazeta.com.br

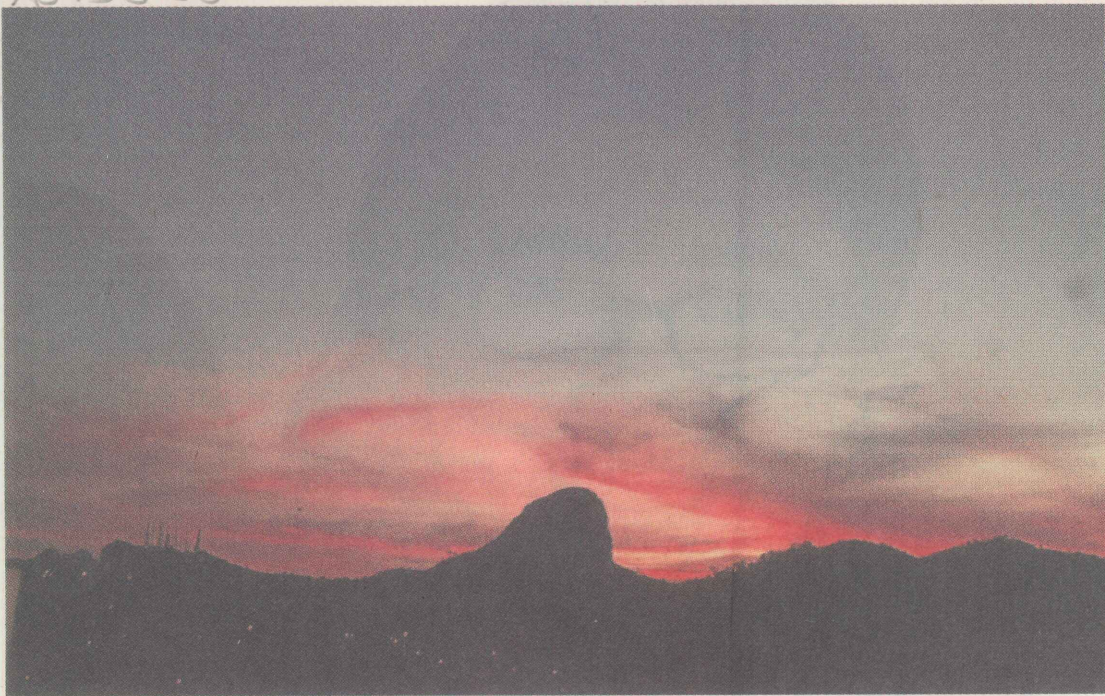
■ ■ Dona Leonina Leonel Freitas, de 95 anos, assistiu a muitas das mudanças de Maruípe. “Vim para cá com meu marido, hoje falecido. Esse bairro antigamente chamava Muxinga. Era tudo mato, ladeira, e quase não havia casas”, relembra.

E o presidente da Associação de Moradores de Maruípe Ivan Erler complementa: “Havia muita Muxinga, uma árvore baixinha usada para fazer vassouras. Com o tempo, o nome sofreu outra mudança, com origem atribuída ao mosquito de picada forte, conhecido como maruí. O nome Maruípe foi adotado por significar caminho de mosquitos.

Uma das moradoras mais antigas, dona Leonina, conta também que faltava muita água no bairro, o que fazia com que ela tivesse que buscar num poço. “Apesar das dificuldades, eu gosto daqui. É muito familiar. Criei aqui meus 12 filhos, além dos netos e bisnetos”.

OCUPAÇÃO

A história da ocupação da região está relacionada, por um lado, ao loteamento “Vila Maria”, aos parcelamentos da Fazenda Maruípe e das glebas pertencentes aos herdeiros do Barão Monjardim, e, por outro, ao loteamento Nossa Senhora da Consolação, em Gurigica, e às invasões



CARINHO. Para os moradores, a Pedra dos Dois Olhos é maior símbolo de Maruípe, e orgulho deles

nos morros e mangues.

Em 1897, a Fazenda Maruípe, segundo descrições do Adelpho Monjardim, no livro Vitória Física, ficava ao lado da Fazenda Jucutuquara, com uma área total de 4.620.000,00 metros quadrados, que se estendia do atual bairro Santa Cecília até a Ponte da passagem.

A medida que a área de Maruípe foi sendo ocupada e parcelada, diminuiu progressivamente, e a abrangência do que se convencionou chamar bairro Maruípe. Isto pode ser explicado pelo fato de novos parcelamentos possuírem outros nomes como: Santa Cecília, Penha, Itararé, São Cristóvão, Tabuazeiro, entre outros.

Frase



“ Com a falta de água constante, eu precisava ir buscar num poço que ficava em Tabuazeiro. Também lembro da época em que eu descia a ladeira e pulava uma vala para pegar o bonde em Jucutuquara. Apesar das dificuldades eu gosto daqui, acho muito familiar”

LEONINA LEONEL FREITAS
MORADORA ANTIGA
FOTO: GILDO LOYOLA